

COMEÇA EM MAR

VANESSA MARANHA

Menção Honrosa no Prêmio Governo
de Minas Gerais de Literatura 2016

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M311c MARANHA, Vanessa. 1972 –

Começa em mar/Vanessa Maranhã – Penalux: Guaratinguetá, 2017.

190 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-209-5

1. Romance I. Título

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance: literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1. fado

Não viera por um qualquer mar.

Encravara-se a Alice Zulmira Sánchez de Lima Oliveira, ainda menina, de frente para o continente, insular na Róvia baiana, com os pais fugidos do salazarismo, chegados à abastança de tonéis de azeite e fardos de tremço negociados de última hora no porto de Lisboa, pelo que puderam liquidar antes da fuga. Perdidos, depois, pelas vias da pouca habilidade no comércio.

Seguiriam até o fim paranoicos, refugiados divisando perigos que pudessem chegar do ultramar, embora as palmeiras e o vento amigo retinindo lento, na petulância em postar-se assim numa ilha à face continental, a vida baiana neles não entraria jamais.

A mãe Concha, espanhola muito aportuguesada, não sustentaria nova nacionalidade e então permaneceria nas suas saias floridas e longas, sempre escuras, levemente rodadas, em camisas de linho, punhos dobrados à altura dos cotovelos, o crucifixo espada no colo claro, um hibisco sempre fresco na cabeleira castanha, a sua marca andaluz em contraste ao ar de

eterno luto. A malemolência tropical, pele quase desnuda, a ginga, isso ela nunca compreenderia.

O pai Pedro teimaria no travo de um pessimismo luso, a perplexidade com o redor, como se pela deserção das raízes houvesse de condenar-se ao malfado imaginário, vira casacas, traidor da pátria, covarde imperdoável, um rato de convés. Isso ia dentro dele vergando-o, sem resgate. O Pedro era arredado e pessoa de natureza arredada, sempre desconfiante, não realiza, julga-se para trás disso, sem maiores tentativas. Ao fracasso do tremoço e dos tonéis de azeite, curvou-se subordinado, funcional, acomodado ao salário pequeno e seguro de um trabalho burocrático na aduana. Abdicava do mais, cumpridor, constante, pontual, jogando-se nos modos arcaicos.

Tinha para si que mulheres eram seres inacabados. A azáfama às famílias de nascê-las, as filhas e não os varões, meninas de constituição pequena, sexo abrolhado e força pouca.

No secreto sempre transparecido ele as media esbanjadoras, tinha-lhes os piores conceitos, seres dos impulsos menos inteligíveis, de fácil engano, criaturas de certo malefício. Como pudessem ser vis e rasteiras umas com as outras de mesmo gênero, não entendia. Pareciam-lhe organismos sem plenitude diante dos quais se precavia em melhor calar; ao descontentamento, respondiam com estridências insuportáveis.

Em casa de mulheres, portanto, afundava-se nos esportes de TV, nos calhamaços de jornal e só ia ter mesmo com elas à mesa.

Alice crescera aí então, na cisma de um, no lamento do outro, nenhum dos dois se abasileirando, para eles, terra de ne-

grada insana e lasciva, insulados por mar inconstante, comidas engorduradas e sincréticas demais para a austeridade das suas batatas e peixes em oliva; as tapas para os lanches; ou doces equilibrados em açúcar e rendados feito joias; os batuques africanos que abominavam em contradição com os seus fados tristes, no máximo, seguidilhas.

Era, portanto, nessa genealogia, a menina filha dos imigrantes esquisitos. Apontada na escola por suas blusas de mangas bufantes fora do tempo e do lugar, pele destoante da moreneza vigente em eterno sol de calcinar e lavar todas as coisas sob sua sujeição. Crescia de lado, à sombra da melancolia dos pais. Sonhando espanhas e portugueses ideais, o mar como uma via azul à frente, caminho já sulcado, muito antes de si.

Todos os anos subsequentes haveriam os dois de tecer planos, senão de retorno, ao menos de visita à Europa, mas algo sempre se sobrepunha para tais planos acabarem adiados, talvez mesmo nem desejassem mais a Europa atual, somente a outra, nostálgica, no desvio do que quer que a terra baiana acesse em novidade. Teimavam no que já sabiam. Queriam o que já não era.

Concha ia sobrevivendo numa cada vez mais consternada vivuvez de marido presente. Já pelo final da primeira década no Brasil, inclinaria-se ao preto nas vestes, nenhum hibisco entre os cachos de cabelo, os olhos embaçados, como que cegos. Pedro, sem azo, no mesmo compasso, encolhia. Cada ano que passava parecia lhe subtrair um centímetro na estatura, e, se já não era grande ao aportar na ilha, antes do final de duas décadas, chegaria ao tamanho do hidrômetro da praça, menor que

o menor anão do mundo. Até que Alice lhe provasse coragem e arrancada de gestão, ignorou-a, exceto pelas ordenações de comportamento; claramente não se misturar aos entes ainda menores, como lhe pareciam essa gente brasileira. Mas, aí então é que diminuía, mesmo, efetivamente.

Portugal eram as aulas de História no colégio e as memórias românticas dos pais. O grande colonizador. As sintras. Um modo mais detalhado e assoprado de dizer as coisas. Eram azulejos azuis e caravelas carregadas de descobrimentos, demasiados ouro e pau Brasil que enriqueceriam os altares das catedrais lusitanas. Esse país era-lhe o bacalhau em natas e os pasteis doces do pai, sobretudo, a melancolia desse pai, na remissão a um respeito raivoso.

Da Espanha, as mulheres flamencas, o idioma impaciente, suas falas como metralhadoras de alvos confusos, homens machos em sedução, um espírito mais para o gótico. A Espanha lhe parecia um tanto enevoadada, sem melhores contornos, tivesse talvez faltado às aulas, ou se negava à mãe. Clichês de bolso que levam a caminhos afunilados. Eram essas as antevisões que a mente de Alice guardava desses lugares narrados, antes de pisá-los.

A pele de Concha pouco a pouco se esfumava em translucidez num ofício de inexistir e, até que Alice alcançasse a maturidade, teria o seu pai, um que vivia pela orla da vida, à beira, reduzido à altura dos seus joelhos e a mãe, invisível, de quem só ouviria, ecoando pelas noites enluaradas longos lamentos sevilhanos. Os negros, aqueles que o casal magoado polidamente desprezava, chamavam a isto, banzo.

Sobre Alice, a quem eventualmente, a espanhola, a depender dos humores, tratava por Zuma, incidira o silêncio materno e olhos críticos a quaisquer meneios de misturar-se aos hábitos da gente nativa. Que a filha discretamente se elevasse em superioridade um degrau acima desses ilhéus pardos, o pai enfatizava, pois, na sua gramática, era dama ibérica, de estirpe e boa formação. A mãe lhe providenciava as vestes austeras e a condição de mais ouvir, portuguesa em excesso essa mãe espanhola de Alice, que no meio fio tentara correr.

Midraj foi quem um pouco salvou a infância exilada de Alice. Um cãozinho largado em terras baianas por mascate das arábias cheio de astúcias que fugia às correrias – uma legião de maridos traídos à sua sedução deslavada o tinha em mira. Chamaram-no vira-latas e assim também ao seu cão, sem raça definida, pequeno, de cor champanhe e pelagem espessa. Midraj era um cachorro que sorria. Foi sorrir à Alice para ela decidir que o tomaria por seu sob protestos dos pais, que gostavam da vida reta.

Aos primeiros dias, cão jovem de rua, mastigou as begônias da Concha, que o surrou com o pior de si, no cabo da vassoura. Depois, cavucou a poltrona de leitura do Pedro até chegar às molas, esmiuçando os seus estofos, que ficaram espalhados pela sala como grossos flocos de neve. Pedro enfiou-lhe goela abaixo os flocos até quase sufocá-lo – tinham atrocidade esses pais da Alice.

Então o Midraj decidiu que com eles era melhor não. Foi ser, às esgueiras do Pedro e da Concha, um irmão da Alice, aninhado numa caixinha ao pé da sua cama, seguindo-a por onde

estivesse, ao longo da vida, o seu pendor nenhum para rancores. Foi anteparo de afagos, Midraj, talvez árabe como o dono, ensinava à menina algo sobre o amor que, incondicional nunca é, mas pode, desarmado, sorrir.

2. amores aziagos

Desde que houvesse solvência nos débitos e compostura na convivência, dona Alice, que herdara dos pais a rigidez de espírito, permitia a extensão na hospedagem em seu Hotel Arenal, quase um farol à beira-mar, o mesmo mar que talvez um dia a levasse de volta ao tempo, no alcance dos antepassados, o seu pai, um miúdo já cabendo em seu bolso, a mãe, somente uma brisa leve que tocava finalmente fresca os finais de tarde. O hotel era aquele que lhe trazia o mundo para perto de si.

Havia hóspedes moradores ali há anos, mas, em algumas temporadas, a hospedaria parecia prestes a se converter numa casa de loucos, tal a variedade de excêntricos que reunia. Nunca, contudo, a algum extremo insustentável, tinha ela bons sentidos para farejar encrencas e a lida diária com pormenores mesquinhos – contar toalhas de banho, inspecionar faxinas, listar avarias para reembolso ou desconto, regular os haveres do café da manhã, pequenezas que afinal garantiam os lucros – lhe forneciam a dureza desejável para a gestão do seu negócio.

Seguia, portanto, mais para desumanizada, no trato de maior proximidade com a gente flutuante que ia e vinha, en-

trava e saía dos quartos que ela se orgulhava em chamar de seus, todos azuis e floridos. Uma franja de contato com o mundo que não vira ainda.

Possuía a gentileza necessária e impermanente ao comerciante e a implacabilidade na lida com os empregados, justa e pontual nos pagamentos, mas de quem exigia retorno na medida, porque se cansara de gente ali, a seu serviço, se esbaldar no discurso da irresponsabilidade para depois lhe puxar o tapete, como com Hortênsia. Camareira por doze anos, de quem se considerava amiga, e a quem teve de demitir, pois, na paleta de Alice, dona do mando, a funcionária andava se julgando mais do que de fato era e, no desfecho, pela mesma paleta, mostrou-se quimérica, ao levar a patroa à Justiça Trabalhista.

A hoteleira passou por cima da decepção e, lembrando cada mensalidade de curso e remédios providos aos filhos da Hortênsia, que não eram de sua obrigação, acrescentou ainda que por muito tempo fechara os olhos para o seu comportamento de funcionária indolente e, quando reuniu o necessário para o revide, não hesitou. Na contrapartida, Alice já se armara: ela vai me processar? Processo-a antes, eu.

Buscou bom advogado e levou a Hortênsia à frente do juiz, noutra instância, queixando-se dela por incompetência, ingratidão, desleixo, falta de vontade, lascívia, incontinência verbal e pessimismo.

No confronto, tão indignada e ativa esteve à desdita, que a outra retirou a queixa trabalhista, lágrimas no rosto, pedindo o emprego de volta.

A mulher de meia-idade que era agora – alguma graça ainda renitente – tinha um marido-não-marido, o Rafael, que vivia num quarto do subsolo, antes depósito de toalhas e lençóis. Pelos cinco anos de casados, o homem se enfiou com a obsessão da mulher em erguer um hotel e, então, nesse tempo, em que somente quatro apartamentos funcionavam, sepultou-se em vida.

Comunicou à esposa a intenção de viver sob a linha da terra, com o mínimo. Ela que perseguisse o seu sonho hoteleiro, para ele, sem sentido, e fizesse o favor de levar três refeições quentes por dia ao seu quarto. Convencera-se de que tinha vasta obra dentro de si a ser escrita e, portanto, o faria perfeitamente esquecido de que com a mulher engendrara dois filhos com os quais tivesse obrigações.

Enfiou-se no quarto de ângulos cinzentos pelo mofo e deixou a ela entregues os filhos respondões, nada prestativos. Mas, em vez de desamparo, alívio foi o que ela sentiu. Continuará ele nas suas costas, ela se fadava sem grandes dramas, ao menos, não teria de cruzar o tempo todo com o homem casmurro e queixoso, que a acusava permanentemente por sua infelicidade. Se a cria desse homem se tecera de respondões, era ele próprio o reclamão sem efetividade de gestos, até aqui enovelado em negócios da China e promessas de ganhos fáceis que nunca prosperavam, então, desistência.

Se a sua sina, desde cedo, fora trabalhar feito um camelo, que ao menos paz houvesse em seu deserto. Chegara até a imaginar os filhos seguindo o pai ao calabouço voluntário, mas arrendida, porque mães são contraditórias, na sequência dos

✉ vanessa.maranha@hotmail.com
f Vanessa Maranhã

Este livro foi composto em Sabon Next
LT pela Editora Penalux e impresso em
papel pólen soft 80 g/m², em abril de 2017.
